Papel e celulose — espaço para crescer

MÁRCIO BUENO*

Altos e baixos nos preços do papel desafiam a criatividade dos produtores. As saídas parecem estar na diversificação dentro do setor e na reivindicação de melhores condições de financiamento para os negócios. Mas enquanto a madeira escasseia em todo o mundo, no Brasil ainda se pode contar com um excedente capaz de fortalecer e ampliar o mercado.

O setor de papel e celulose possui uma característica muito particular, necessariamente levada em conta pelos dirigentes das empresas no momento de planejar o futuro: a alternância de períodos de alta e baixa de preços. A oscilação é permanente. Para sobreviver é preciso aprender a cavalgar na inevitável curva senoidal, sem perder as rédeas da situação. A principal dificuldade é prever a duração de um período, de baixa ou de alta, e qual o ponto mínimo ou máximo que atingirá.

Ultimamente, as curvas têm sido bastante inclinadas, causando vertigens de montanha russa nos empresários e executivos. No final de 1993, por exemplo, depois de ter chegado algum tempo antes ao pico de US$790 a tonelada, o preço da celulose de fibra curta no mercado internacional caía a inacreditáveis US$350 (o Brasil não exporta fibra longa). Em 1994, e muito lentamente, a curva dos preços voltou a subir, e no ano passado empinou como nunca, com a tonelada atingindo US$976 no mês de outubro. Mas a euforia mais uma vez durou pouco. A partir de novembro, os preços entraram em queda livre e contínua: em abril deste ano, o mercado não pagava mais que US$390 a tonelada, o que corresponde a uma queda brusca de 60% no espaço de apenas cinco meses.

Um dos fatores que ajudaram a empurrar os preços para baixo, na avaliação de Ludwig Moldan, secretário executivo da Associação Brasileira de Exportadores de Celulose (Abecel), foi o desempenho da economia alemã: no primeiro semestre de 1995, a Alemanha cresceu 6%; no terceiro trimestre, o crescimento foi nulo e no quarto, negativo. "Os demais países da Europa seguem a Alemanha, porque a maioria gravita em torno de sua economia", diz Ludwig, acrescentando que o Japão está mal desde 1991, com crescimento zero, e este ano deve crescer em torno de 2%. De maneira geral, avalia o secretário executivo da Abecel, as economias ocidentais não têm previsão de crescimento acelerado e as asiáticas prometem um crescimento razoável, apesar de terem reduzido o ritmo.

Celulose de fibra curta

Preços no mercado internacional — em US$/t

Ano				
1995	Jan.	722	Fev.	727
	Mar.	838	Abr.	854
	Maio	833	Jun.	913
	Jul.	928	Ago.	909
	Set.	891	Out.	976
	Nov.	960	Dez.	911
1996	Jan.	811	Fev.	627
	Mar.	488*	Abr.	390*

Fonte: Gerência de Papel e Celulose do BNDES, à exceção de março e abril de 1996.
* Dados da *This Week*, PPI.

Comparando os custos de produção da celulose de fibra curta no Brasil e outros sete países, nossas empresas perdem principalmente nos juros e transportes.

Este ano, segundo representantes do setor, os preços já caíram a um nível abaixo dos custos de produção, o que só não produziu conseqüências mais graves porque as empresas estão com os caixas reforçados, devido aos resultados surpreendentemente positivos do ano passado. Mesmo assim, empresas do exterior estão interrompendo a produção — algumas dão férias coletivas para fazer manutenção ou revisão dos equipamentos. O que se costuma fazer de dois em dois anos, faz-se mais amiúde. "Todo mundo colabora" — diz Ludwig —, "inclusive porque começa a faltar espaço para armazenar os estoques." Adianta, no entanto, que a fase de baixa já está passando. As empresas estão anunciando aumentos para junho, o que significa que os estoques diminuíram.

Em busca de soluções

Nos EUA, uma queda de preços, mesmo uma queda brusca, não costuma causar muito impacto, porque as empresas se constituem como indústrias florestais; fabricam produtos de madeira e os restos, as pontas, os refugos são usados na produção de celulose. Algumas, tanto nos EUA como em outros países, atuam também em outros setores. Basta verificar o resultado das vendas das quatro maiores empresas de papel e celulose do mundo (tabela). As vendas de papel e celulose da Georgia-Pacific, por exemplo, representam menos da metade da receita total da empresa.

* Jornalista.

Vendas das quatro maiores do *ranking* mundial
1993 — US$ milhões

	Papel e celulose	Todos os produtos
International Paper (EUA)	10.146	13.685
Nippon Paper Ind. (Japão)	6.953	8.647
Georgia-Pacific (EUA)	5.231	12.330
KNP BT (Holanda)	4.788	6.018

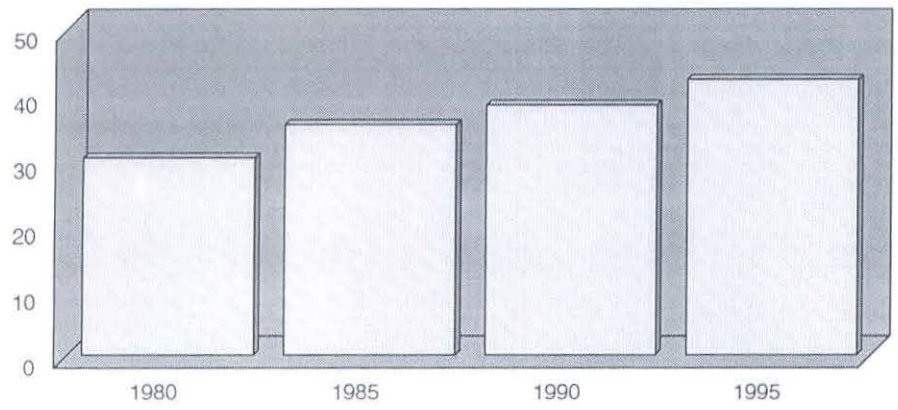
Fonte: PPI. *BNDES Setorial*, n. 2, nov. 1995.

Esta é uma tendência que as empresas brasileiras já estão planejando seguir, segundo Ludwig Moldan. A produtividade da madeira cresceu muito no Brasil (gráficos), o que permite dispor de um excedente que poderá ser trabalhado, produzindo-se chapas para outras empresas finalizarem a produção de móveis. Atualmente, a Aracruz, a Riocell e a Bahia Sul estão exportando madeira em toras para Portugal, Espanha e Escandinávia. A madeira está escasseando em todo o mundo, o que aponta para o fortalecimento e ampliação do mercado.

Enquanto as empresas buscam alternativas, suas entidades continuam atuando junto ao governo federal para desobstruir os gargalos que ameaçam anular a competitividade brasileira no exterior. No ano passado, a direção da Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC) reuniu-se com o presidente Fernando Henrique Cardoso para encaminhar o estudo "A Política de Desenvolvimento do Complexo Celulose-Papel: 1995-2005", sobre as perspectivas de investimento de US$13,2 bilhões nos 10 anos seguintes. As reivindicações do setor são, entre outras, o equacionamento das condições de financiamento, com redução dos juros, apoio à implantação da base florestal, oferta adequada de infra-estrutura de transportes, portos, energia e telecomunicações, estímulo às exportações e tratamento tributário adequado.

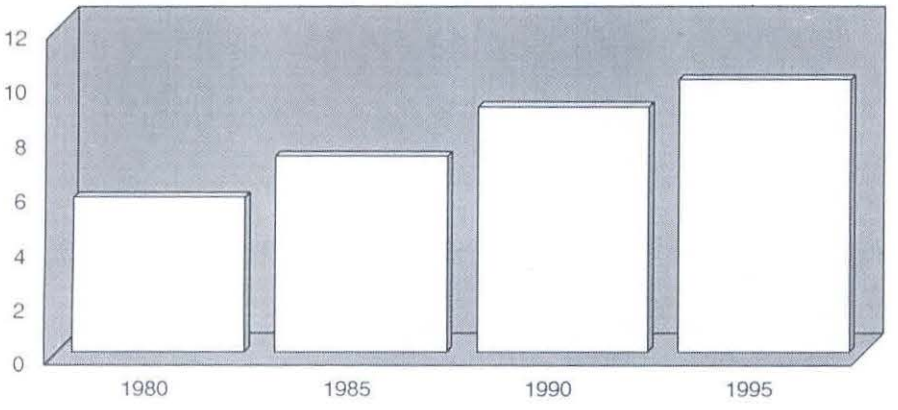
Para estudar as reivindicações, foi criado um grupo interministerial com representantes do BNDES, Banco Central, Ministério do Meio Ambiente e Ministério da Indústria e Comércio. O grupo se reuniu várias vezes sob a coordenação da então ministra Dorothéa Werneck. Quando esta matéria foi concluída, a saída da minis-

Brasil: produtividade média anual florestal
(metros cúbicos de madeira por hectare)



Fonte: Abecel.

Brasil: produtividade média anual florestal
(toneladas de celulose por hectare)



Fonte: Abecel.

tra era recente, não havendo até então definição de como ficaria o grupo interministerial.

Principais empresas por receita operacional líquida
(US$ milhões)

Empresas	1994	1995[a]
Indústrias Klabin de Papel e Celulose[b]	1.048	951[c]
Cia. Suzano de Papel e Celulose[b]	895	817[c]
Votarantim Celulose e Papel S.A.[b]	754	592[c]
Aracruz Celulose S.A.	504	767
Bahia Sul Celulose S.A.	289	400
Ripasa S.A. Celulose e Papel[b]	328	355
Champion Papel e Celulose S.A.	258	412
Cenibra S.A.	180	241

Fonte: Gerência de Papel e Celulose do BNDES.
[a] Dados preliminares.
[b] Balanços consolidados.
[c] Janeiro a setembro.

Uma das principais reivindicações que estão em estudos é a redução dos juros. Segundo Antônio Carlos Valença, engenheiro da Gerência de Papel e Celulose do BNDES, a instituição cobra entre 8 e 9% ao ano, enquanto o setor privado cobra em média 19%. O problema, segundo o técnico do BNDES, é que os empresários "não comparam as taxas com o mercado e sim com o exterior, onde estão seus concorrentes, que desfrutam de taxas menores com prazos de pagamento muito maiores". Bancos japoneses, por exemplo, emprestam a 2 ou 3% ao ano com vencimentos em 2030, 2037. O Banco Europeu de Investimento empresta a 30 anos para investimentos em meio ambiente. No Brasil, o prazo máximo é de 10 anos, enquanto um pinhal leva 15 anos para ficar no ponto de corte.

Tabela da *Risi Pulp and Paper Review* mostra que, comparando os custos de produção da celulose de fibra curta no Brasil e em outros sete países, nossas empresas perdem principalmente nos juros e transportes, itens que constam com muita razão do documento reivindicatório encaminhado ao governo federal.

Diante de tantas adversidades, é de se perguntar como nossas empresas continuam mantendo a competitividade. A explicação está principalmente na extraordinária produtividade da madeira e no baixo custo da mão-de-obra. O Brasil é o país que produz madeira com o custo mais baixo de todos: US$93 por tonelada de celulose posta na Europa. Para efeito de comparação, esse custo é de US$225 para a Suécia e de US$230 para a Finlândia. Quanto ao item trabalho, o Brasil é o que remunera em níveis mais baixos. Enquanto as empresas de Portugal gastam US$39 com o trabalho por tonelada de celulose e as do Canadá US$53, as empresas brasileiras gastam apenas US$18.

Custos de produção de celulose de fibra curta — 3º trimestre de 1994
(custo em US$/t posta na Europa)

	Brasil	EUA Sul	Canadá	Finlândia	Suécia	Portugal	Chile
Madeira	93	108	136	230	225	185	136
Energia	10	18	25	4	11	16	9
Químicos	34	53	42	39	39	40	51
Trabalho	18	36	53	37	37	39	23
Transporte	72	67	59	40	35	40	60
Outros	41	49	43	21	37	58	29
Custo variável	268	331	358	371	384	378	308
Administração	33	38	45	38	40	57	34
Depreciação	85	67	48	57	42	60	87
Juros	67	44	48	60	44	55	50
Custo total	453	480	499	526	510	550	479

Fonte: *Risi Pulp and Paper Review*. A política de desenvolvimento do complexo celulose-papel: 1995-2005. ANFPC, 25 ago. 1995.

As soluções encontradas pelas maiores

Quais as estratégias de crescimento adotadas pelas principais empresas brasileiras? O que estão planejando nesta fase de globalização da economia, de aquisições, fusões, associações, de acirramento da concorrência? Com base em estudo de Ângela Regina Pires Macedo e René Luiz Grion Mattos, respectivamente gerente e engenheiro da Gerência Setorial de Papel e Celulose do BNDES, podemos destacar os seguintes itens:

Grupo Klabin

• Concentração de atividades no mercado interno de papel e celulose.

• Modelo de fábricas integradas — produzem celulose para caixas de papelão ondulado, sacos, todos os tipos de papel, bem como celulose de mercado para papel e para dissolução, usada na fabricação de fio de viscose empregado na indústria têxtil.

• Direcionamento de investimentos para produtos de maior valor agregado.

• Reestruturação administrativa para *enxugar* a máquina e reduzir custos.

• Emissão de eurobônus, num total de US$120 milhões, saindo da dependência exclusiva de financiamentos centrados em créditos do BNDES e IFC.

• *Para o futuro* — a estratégia do grupo está dirigida para a reestruturação industrial, associada à modernização de fábricas já existentes; para a consolidação dos projetos em conclusão (Bacell e PCC) e para a aquisição de empresas de pequeno porte do setor. A expansão da Riocell e a instalação da Norcell dependem da entrada de novos sócios. O grupo estuda também o projeto de nova fábrica de papel de imprensa na unidade de Telêmaco Borba/PR.

Grupo Suzano

• Associações, sendo o único grupo nacional com origem papeleira a diversificar para a área petroquímica, entre outras.

• Lançamento de novos papéis para uso em escritórios, buscando diferenciação de produto e agregação de valor.

• Esgotada a capacidade de expansão em São Paulo, compra de 55% do capital da Bahia Sul e de 49,99% do capital da Igaras.

• Nas fábricas de São Paulo, direcionamento para produtos de maior valor agregado, cabendo a produção de commodities às modernas instalações da Bahia Sul e aos novos investimentos com a Igaras.

• Internacionalização do grupo, através da associação com a empresa norte-americana Boise Cascade, 36ª colocada no *ranking* mundial de vendas do setor.

• Formação de *joint venture* com 50% do capital, tendo como incumbência operar e expandir para 420 mil t/ano a produção da unidade de Jackson, Alabama, EUA.

• Na área petroquímica, atuação nos leilões de privatização para reforçar sua participação acionária como produtor de resinas termoplásticas e borracha sintética.

• *Para o futuro* — aumento da produção da linha de cartões, com incremento do uso de fibras recicladas.

Grupo Votorantim

• Aquisição da Celpav (antiga Companhia Guatapará) e do controle acionário das empresas do grupo Simão, tornando-se um dos grupos mais atuantes na chamada "linha branca" de papéis.

• Reorganização societária, formando uma *holding* operacional, a Votorantim Celulose e Papel S.A. (VCP), que detém o controle de todas as operações e empresas de papel e celulose do grupo.

• Abertura do capital — ao contrário das demais controladas do grupo, que são de capital fechado — com a participação acionária de 20,7% do BNDESPAR, além de 16,7% das ações no mercado.

• *Para o futuro* — ampliação da capacidade produtiva da fábrica de celulose de Jacareí, o que permitirá ao grupo colocar 320 mil t/ano de celulose de eucalipto no mercado; direcionamento dos investimentos para produtos de maior valor agregado, como o aumento de 25 para 175 mil t/ano da produção de papéis revestidos e expansão de 28 mil t/ano dos autocopiativos e térmicos; inovação na área de revestimento de papel, com a introdução da tecnologia de colagem alcalina.

Aracruz

• Implantação de moderna tecnologia florestal, tornando-se a precursora no Brasil.

• Investimentos no mais alto grau de profissionalização dos funcionários, por estar estruturada desde o início para competir no mercado internacional.

• Garantir a liderança por volume e por custo de produção.

• Lançamento de ações, em 1992, na Bolsa de Valores de Nova York.

• Eliminação do uso de produtos clorados (processo TCF — totally chlorine free) no processo de branqueamento da celulose, exigência surgida no mercado mundial nos últimos cinco anos.

• Reestruturação administrativa, em 1992, buscando a redução dos custos e a agilização das decisões.

• *Para o futuro* — aproveitamento da madeira de eucalipto para outras finalidades; aquisição das ações da Cenibra e da Bahia Sul que pertencem à Companhia Vale do Rio Doce, desde que seja efetivada a privatização desta empresa.